



L I T E R A T U R A E M Ú S I C A

Escrita de
CONTOS
a partir de
CANÇÕES

T E C E N D O O V E R B O

O U T U B R O 2 0 2 3

IDEIA DE ATIVIDADE

Criação de contos (ou crônicas)
a partir de canções, tendo como
parâmetro algumas experiências
existentes no mercado editorial
brasileiro.



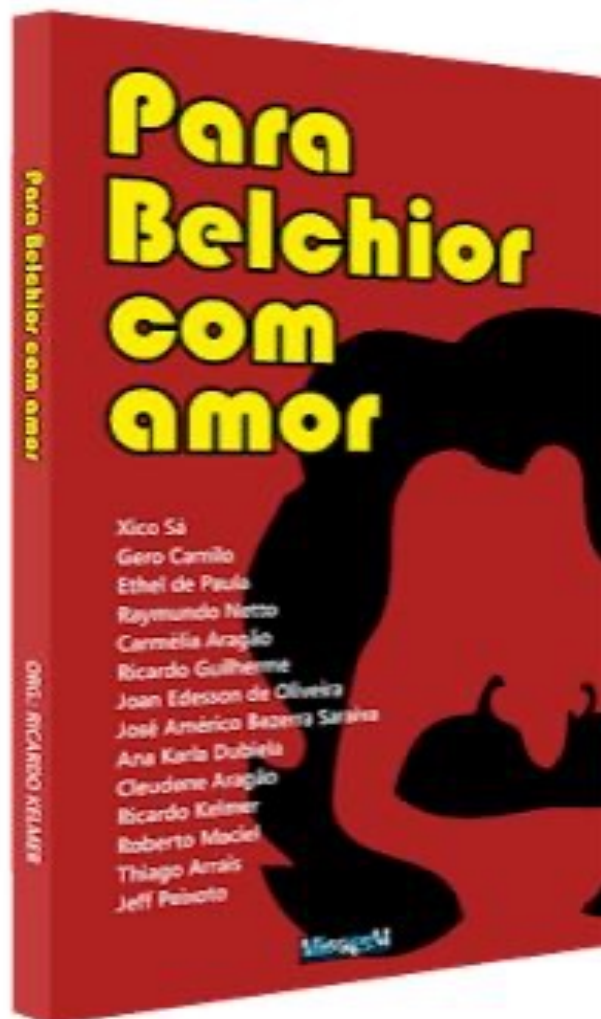
Como se não houvesse amanhã



O livro branco



Para Belchior com amor

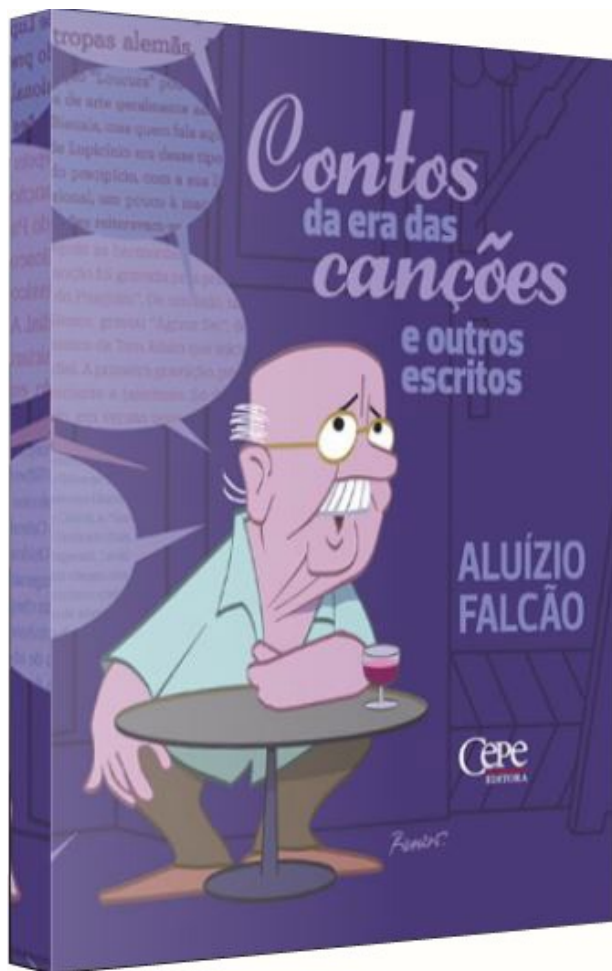


Essa história está diferente

Dez contos para canções
de Chico Buarque



Contos da era das canções e outros escritos



Textos de Aluizio Falcão

O processo de composição de célebres músicas brasileiras em crônicas, algumas inéditas, mas a maioria publicada no jornal O Estado de São Paulo.

Aluizio Falcão tece suas crônicas com leveza ou seriedade, revelando o processo criativo de artistas de primeiro escalão do cenário musical brasileiro do século 20 e início do 21.

No livro é possível ler, no formato de pequenas histórias, como foram compostas letras como as de Águas de Março, de Vinícius de Moraes; Anunciação, de Alceu Valença e João e Maria, de Chico Buarque.

Aquela Canção 12 Contos Para 12 Músicas



PubliFolha – 2005

Doze canções da música popular brasileira servem de inspiração para 12 escritores, que compõem suas narrativas em contraponto com a memória das letras e melodias.

Milton Hatoum, Beatriz Bracher, Moacyr Scliar, Marçal Aquino, José Eduardo Agualusa, Luís Fernando Veríssimo são alguns dos autores.

O livro traz um CD, com as 12 canções interpretadas por Milton Nascimento, Gilberto Gil, Paulinho da Viola e Marisa Monte, entre outros.

TEXTOS SELECIONADOS

Exemplos para inspiração

Meu Beatle favorito

Nelson Motta

Como a primeira Coca-Cola, que perdia longe em sabor e cor para o doce guaraná dourado da Antártica que bebíamos nos anos 1950, não gostei dos Beatles logo de cara. A primeira vez que ouvi “Love Me Do”, em 1962, achei uma bobagem, detestei aqueles cabelos de franjinha e achei aqueles terninhos apertados meio ridículos. Estudante de design de 18 anos, metido a intelectual e aspirante a músico, louco por jazz e bossa nova, excitado pelas notícias que vinham da Europa, esperava algo muito moderno e inovador, e tinha ouvido uma musiquinha de três acordes, com uma gaitinha meio enjoada. Eles não eram essa Coca-Cola toda.

Só depois de ver “Os reis do iê-iê-iê” (A Hard Day’s Night), em 1964, me entreguei e me apaixonei pelos Beatles. O filme de Richard Lester era sensacional, diferente de tudo o que eu já vira, as músicas eram muito melhores, eram ótimas! Eles eram alegres e divertidíssimos, esculhambavam com tudo, inclusive eles mesmos, o humor e o nonsense pontuavam todo o filme com gags e piadas hilárias, eles eram o padrão de (mau) comportamento que estava encantando os jovens do mundo inteiro. Ainda mais os que viviam sob uma ditadura militar que cassava mandatos, prendia e exilava opositores, censurava a imprensa e as artes.

Eu adorava o grupo, achava Ringo muito engraçado e George um grande músico, mas sempre gostei mais de John do

que de Paul. O humor, a irreverência, a molecagem, o estado de transgressão permanente de John fascinavam o brasileiro de 20 anos. Paul era mais bonitinho, todo arrumadinho, baby face, queridinho das meninas, e talvez por isso mesmo os jovens machos fingiam desprezá-lo e diziam gostar mais de John, que era mais atrevido e viril, mais debochado e anárquico.

O encanto musical, comportamental e cinematográfico se multiplicou com "Help", que vi pela primeira vez com o coração aos pulos num cinemão em Piccadilly Circus, no coração da "Swinging London" de 1965, fumando um cigarro atrás do outro (havia cinzeiros nos braços das cadeiras dos cinemas ingleses). Depois revi incontáveis vezes no Cine Bruni Copacabana, onde não se podia fumar. Sabia de cor vários diálogos do filme, podia narrá-lo inteiro em detalhes, amava todas as músicas.

Como vários amigos da faculdade, assisti "Help" tantas vezes que brincávamos de perguntar uns aos outros: "Já viste 'Help' hoje?" Era a união perfeita da música, do cinema e da atitude moderna que sonhávamos. As músicas eram maravilhosas, a história divertidíssima, o ritmo vertiginoso, os Beatles nos levavam para um mundo de alegria e liberdade muito distante do Brasil.

Dali em diante vivi em estado de paixão permanente pelos Beatles, com orgasmos múltiplos no revolucionário e elaboradíssimo "Sargeant Pepper", em 1967.

Lançado no fatídico e turbulento 1968, o "Álbum branco" quase passou em branco no Brasil conturbado pelas passeatas de estudantes, pelo endurecimento do governo militar, pela explosão do novo teatro com o "Rei da Vela" do Grupo Oficina, pelo filme "Terra em transe", de Glauber Rocha, que revolucionava o Cinema Novo, pela arte de vanguarda de Hélio

Oiticica e suas instalações tropicais, pela rebelião comandada por Caetano Veloso e Gilberto Gil que provocaria um racha na música brasileira originando o Tropicalismo. Nós estávamos muito ocupados e preocupados com nosso quintal, onde, ao contrário dos jovens americanos e europeus que exigiam a proibição de todas as proibições e queriam a imaginação no poder, vivíamos sob uma ditadura repressiva e conservadora. Era muito romântico ser rebelde em Paris, em Londres e na Califórnia, duro era ser jovem no Brasil.

Do "Álbum branco" as músicas de que nós, jovens politizados e fascinados com a Revolução Cubana, mais gostávamos eram, naturalmente, "Revolution", como uma tomada de posição política, uma inspiração transformadora, e "Back in the USSR", que entendíamos como uma ponte ideológica com a arquiinimiga da ditadura brasileira. E odiávamos "Ob-La-Di Ob-La-Da", por sua ligeireza juvenil abobalhada. Embora assinada pelos dois, esta devia ser de Paul sozinho, eu pensava, John não faria uma bobagem dessas, John deve ter feito "Revolution" sozinho.

Quanta bobagem se pensa aos 20 anos.

Henrique Rodrigues

Don't carry the world upon your shoulders

"Hey Jude", Lennon-McCartney

— **E**u sou o Homem-Mola!
— Eu sou o Multi-Homem.

— Pra mim sobrou o Homem-Fluido.

Renato olhou para os dois primos por uns instantes, deu de ombros e concordou, meio resignado, em ser aquele super-herói:

— Tá legal. Mas eu queria mesmo era ser cantor da banda.

Ao sair da estrada principal e entrar na rua esburacada, a lembrança do desenho a que gostava de assistir na infância veio junto com aquele cheiro da terra molhada. Embora tivesse passado tanto tempo, as vias permaneciam sem calçamento, e o barro tinha a mesma tonalidade entre marrom e cinza: só ali a terra era daquele jeito estranho. Ainda passavam bois? Olhando para a chuva de verão que caía, Renato começou a concluir que, naquele lugar, somente o chão e o céu nunca mudavam. Mas entre ambos não havia dúvida: tudo era diferente. A ideia da infância rupestre — como a mulher ironizava —, até há pouco tempo bem-vinda, ficava apertada, e se espremia ainda mais por ter de voltar às pressas para o local que, nos úl-

timos trinta anos, acumulara poeira num canto abandonado da memória.

À medida que o carro se aproximava da casa, notava que os locais ermos onde brincava haviam sido tomados por invasões e posses. Mais à frente, à esquerda, procurou um morro de onde se podia descer esquiando pela grama num papelão, agora uma cobertura de puxadinhos e antenas parabólicas. Aproximando-se era possível observar que a tecnologia chegara antes de outras coisas, pois no esgoto a céu aberto, com sacos de lixo amontoados, uns garotos brincavam com um sofá velho, balançando-o, mas sem deixar virar, como se fosse uma canoa na correnteza. E não era por ali que ficava o terreno com várias árvores?

— Sobe mais, Fernando. Daqui dá pra ver uma ilha. A gente precisa chegar lá pra se livrar da tempestade — gritou Fábio. E Fernando, mais gordo, não conseguia subir até a parte mais alta. Preferia ficar nos primeiros galhos:

— Renato, pega aquela goiaba pra mim. Acho que não foi bicada por passarinho. Para de balançar!

— É o vento da tempestade, cara. Aí no convés você tá seguro. Se eu cair daqui vou afundar. Toma aí, segura! — Renato jogou a fruta para o primo.

No mato onde ficava a goiabeira-navio agora havia um clube, cujo letreiro anunciando o melhor do pagofunk impedia de olhar o interior pela frente. No retrovisor, Renato viu rapidamente algumas copas de árvores, e esboçou um sorriso entre alegre e triste. Mais à frente, algumas crianças vinham correndo de dentro dos quintais, curiosas com aquele carro que não costumava seguir por ali, exatamente como ele fez tantas vezes... Os homens que estavam no boteco improvisado numa antiga porta de garagem olharam, tentando inutilmente

reconhecer o motorista. Ao notar que era apenas alguém procurando uma casa, uns cuspiram e outros assoaram o nariz.

A casa parecia menor agora, e com aparência de abandonada, com o mesmo poço na parte lateral, onde Renato havia jogado seu primeiro dente de leite. Fábio e Fernando apareceram para receber o primo, que demorou a saber quem era quem, pois a diferença de idade era pouca. A dúvida foi tirada assim que Fábio, com a calvície adiantada e prematuramente sem alguns dentes, começou a falar daquele jeito brincalhão de sempre, apesar das circunstâncias:

— Fala, Homem-Fluido!

Após os abraços e as poucas frases trocadas — muitas iniciadas com o “lembra daquela vez” —, Renato foi convidado a entrar, mas hesitou e baixou a cabeça, tentando disfarçar o medo. Os primos se olharam e compreenderam. Elogiaram o carro com um “tá rico hein?” e, em silêncio, conduziram-no para dentro. A chuva havia estiado.

Enquanto passava pelo corredor de parentes que o olhavam com repugnância, concentrou-se num ponto fixo na sala para não precisar responder a ninguém. Reconheceu a voz da tia-avó num “covarde!” que veio com trinta anos de acúmulo, o qual seria seguido por outras ofensas se Fábio não tivesse contido a idosa, que ainda gritou:

— Você é que devia cuidar dele agora!

Preferiu não responder e continuou, atravessando a sala até o quarto.

O pai chegar bêbado e espancar a mãe era uma rotina. Embora o humilhasse verbalmente, o pai nunca batia em Renato. Dizia que era para ele aprender a domar uma mulher e impor o respeito dentro de casa. Quando tentava fechar os olhos, era

ameaçado de sofrer aquilo tudo com mais ênfase, “porque em homem se deve bater com vontade”. Certa vez, o pai havia bebido um pouco mais e apertara tanto o pescoço da mãe com uma gravata que a mulher, perdendo os sentidos, só conseguiu apontar para as ferramentas que o chefe de família usava para trazer comida ao lar. Para um garoto de 9 anos, a marreta era bastante pesada, de modo que apenas no terceiro golpe, usando toda a força que podia reunir para acertar a cabeça do pai, é que a mãe foi solta. Fugiram apenas com a roupa que vestiam, e só alguns anos depois é que se soube dos dois. O pai ficara mentalmente comprometido, soltando uns grunhidos às vezes, mas sem estabelecer nenhuma comunicação. Quando se soube do ocorrido, alguns entenderam, como os primos, mas a maior parte da família paterna contraiu um forte ódio por eles. Por conta disso, apenas raros contatos haviam sido feitos nos últimos anos — especialmente alguns telefônicos, com os primos —, como aquele que disse “Renato, ele voltou a falar algumas coisas, até o seu nome. Vem ver o seu pai”.

A figura deitada na cama parecia um menino indefeso. Renato se espantou e deu um instintivo passo para trás com o olhar lançado pelo corpo atrofiado. Mas logo depois confirmou o que haviam dito: seu pai não era mais do que uma criança.

Na TV, o jornal mostrava o show de Paul McCartney no Rio, com fãs levantando placas em que se lia NA NA NA ao final de “Hey Jude”. Sem poder mover os braços, o pai começou a menear a cabeça para os lados, repetindo o estribilho com um “na na na na na na na” que continuou mesmo após a reportagem ter acabado.

* * *

Já na avenida Brasil, voltando para casa, Renato sabia que nunca mais voltaria ali, ainda que já sentisse saudade dos primos e da infância. Pensou que, no fundo, toda infância é boa. Deveria passar no supermercado para levar algo para casa, onde a mulher e a mãe o esperavam. Talvez goiabas, pois estava na época.

Começava novamente a chover e, com os vidros fechados, o cheiro das goiabas maduras invadiu todo o carro. Mesmo com o barulho agradável da chuva batendo no teto, ligou o som e tocou outra vez a música que acabara de ouvir na antiga casa. Diante daquela água que já alagava toda a avenida, Renato apertou o volante como se fosse um timão, e viu que os limpadores do para-brisa eram dois braços levantados.

PROPOSTA

Debate sobre os textos apresentados
(Nelson Motta e Henrique Rodrigues)

Criação de textos – Contos ou Crônicas –
que se limitem a obras da Música
Popular Brasileira

Apresentar o texto antes OU depois de
executar a canção escolhida?

OBRIGADO!
